



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

**BEBÊS, BRINCADEIRAS E NATUREZA: BRINQUEDOS NÃO ESTRUTURADOS E NATURAIS
NO COTIDIANO DO BERÇÁRIO DE UMA CRECHE PRIVADA NO MUNICÍPIO DE FEIRA DE
SANTANA-BA**

RAPHAELA DANY FREITAS SILVEIRA

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

~RESUMO O presente trabalho é resultado de uma pesquisa realizada numa creche privada, situada no município de Feira de Santana-Ba. A creche é estruturada no espaço físico de uma chácara, o que possibilita a interação dos bebês com um ambiente arborizado. Não mais tão comum nos dias atuais, as crianças desta creche se desenvolvem brincando de terra. Assim, a pesquisa deu início com o seguinte problema: quais as reações dos bebês na manipulação dos brinquedos não estruturados e naturais oferecidos no cotidiano de uma creche privada, que tem como foco de proposta pedagógica o trabalho ao ar livre?

Através de estudos de Horn (2009), Carruthers (2010), Brasil (1998; 2012), o estudo revela a importância do contato dos bebês com a natureza e brinquedos não estruturados para o pleno desenvolvimento das funções neurobiológicas e emocionais. Palavras-chave: bebês, brinquedos não estruturados, creche

ABSTRACT
The present work is the result of a research conducted in a private nursery, located in the municipality of Feira de Santana-Ba. The nursery is structured in the physical space of an interchange, which enables the interaction of babies with a wooded environment. No more so common nowadays, children in this nursery develop playing ground. Thus, the research gave top with the following problem: What are the reactions of babies in the handling of toys not structured and disasters offered in the daily life of a private nursery, which has as its focus of pedagogical work outdoors?

Through studies of Lewis (2009), Carruthers (2010), Brazil (1998; 2012), the study reveals the

importance of the contact of babies with nature and toys not structured for the full development of the functions and neurobiological emotional.

Keywords: babies, toys not structured, nursery

~~Árvores, terra, grama e bichos: espaço para o bebê crescer Legitimar um espaço para crianças pequenas, o qual integre princípios de liberdade e harmonia interior com a natureza, nos dias atuais, tornou-se raro. A arquitetura escolar está voltada ao aprisionamento infantil, com poucos espaços verdes, raríssimos ou inexistentes espaços de chão/terra e muito concreto. Escolas e creches abusam de espaços edificadas, com salas de aula climatizadas (ou seja, com portas e janelas fechadas na maior parte do tempo), pátios cobertos, "infinitos" corredores, e parquinhos e brinquedos em chão "frio" ou com grama de fibra artificial (sintética), tornando-se parceiras de empresas que comercializam paisagens de plástico.

Entendemos que as experiências infantis devem ser mais intensas, profundas e desafiadoras. Para Froebel, a escola para crianças pequenas deveria ser um lugar onde elas pudessem ter um contato mais próximo com a natureza, conviver com animais e plantas e mexer na água e na terra (HORN, 2004, p.29).

Desta maneira, pensar um espaço para crianças pequenas crescerem harmonicamente e fazer deste espaço um campo de atuação educacional e também de pesquisa foi o que levou à escolha do lócus: um lugar para os bebês sentirem o cheiro da terra, conhecerem folhas e frutos, e enxergarem a copa das árvores. Mas, para além disso, a interação dos bebês com brinquedos não estruturados e naturais também foi o fator decisivo na investigação deste caso. Bebês: os novos protagonistas da Educação Infantil e seu desenvolvimento através do brincar na creche "Bebê é a denominação para a primeira fase da vida da criança e abrange o período de 0 a 18 meses (1 ano e meio) de idade" (BRASIL, 2012, p.62) . No primeiro ano de vida, o bebê é um ser dependente de outros, necessitando, portanto, de cuidados específicos, de atenção e de afeto. Ao serem inseridos na creche, os bebês e crianças pequenas passam a depender dos cuidados de outros adultos que não são mais exclusivamente os seus familiares, iniciando a partir daí novas relações e adaptações.

No entanto, o bebê não é um ser passivo, embora precise de cuidados e atenção. É um indivíduo dotado de experiências adquiridas através de uma cultura familiar própria. Chegando à creche, este bebê traz consigo conhecimentos, hábitos, modos de afeição particulares e uma série de informações que lhes foram transmitidas e que continuam a lhe ser dirigidas durante o período que passa na creche.

Dessa forma, o bebê está exposto a diversas circunstâncias de interações sociais com seus educadores e outros adultos que fazem parte do cotidiano da creche. Isto se dá através dos ritmos da alimentação e como esta é oferecida, dos períodos de sono, das atitudes, dos estímulos para a

oralidade e para locomoção, os períodos de retirada da fralda e a forma como se relacionam, e das aprendizagens e informações que os adultos lhes dão progressivamente.

Segundo Vygotsky (1998), no primeiro ano de vida, há uma sociabilidade específica e peculiar em função de uma situação social de desenvolvimento que definem dois momentos fundamentais, o primeiro corresponde à incapacidade biológica do bebê, dependendo, portanto, do adulto, estabelecendo assim as primeiras relações sociais. E o segundo, corresponde ao fato de que o bebê apesar de depender do adulto, precisa desenvolver uma forma de comunicação social em forma de linguagem. Assim, de acordo com Vygotsky (1998, p.286) "O desenvolvimento do bebê no primeiro ano baseia-se na contradição entre a máxima sociabilidade e suas mínimas possibilidades de comunicação."

Portanto, o educador da creche deve pensar e planejar atividades que valorizem a interação entre os bebês e entre os adultos que fazem parte deste cotidiano. As relações devem transmitir confiança entre os parceiros e entre os adultos que cuidam. O bebê e a criança pequena devem encontrar na sua chegada à creche, um ambiente planejado e pensado para ele.

É importante que o educador planeje atividades que estimulem a exploração dos bebês por intermédio do aparato sensorial. "O brincar, para a criança, é muito importante e não pode ser cerceado, limitado pela pobreza de espaço e material e pela falta de interações do adulto durante as brincadeiras" (BRASIL, 2012, p.119). Sendo assim, os brinquedos do berçário devem ser constantemente repensados para que não venham causar enfado aos bebês, sendo apropriados para o uso e exploração, apresentando novos aparatos e diversificando sempre, para assim estimular a curiosidade e o interesse dos bebês diariamente, visto que os mesmos não conseguem estar concentrados em alguma atividade ou brinquedo por muito tempo.

Sabemos que o desenvolvimento da criança ocorre muito rapidamente, basta observar um bebê, brincando, comendo ou interagindo com outras crianças. Quando o bebê já consegue engatinhar e depois andar, quando come sozinho com a colher, ou quando consegue construir uma torre com blocos de encaixe, por exemplo, a criança demonstra que desenvolveu certas capacidades e pode cumprir algumas tarefas sem ajuda de outra pessoa. Vygotsky (1998) chama esta capacidade de realizar uma tarefa de forma independente de, "nível de desenvolvimento real", são etapas que já foram alcançadas pela criança. Para o autor, é importante que o adulto estimule a criança para que o mesmo alcance o "nível de desenvolvimento potencial";

Dessa forma é de fundamental importância a interação social no processo de desenvolvimento das capacidades infantis, pois o desenvolvimento individual acontece num ambiente social e na relação com o outro. Por isso é de extrema importância que na creche, os bebês possam estar em contato direto uns com os outros e com outras crianças maiores, e que o professor mantenha comunicação e interação constante com eles. Vygotsky (1998) ainda, afirma que entre esses dois níveis de desenvolvimento infantil, está a "zona de desenvolvimento proximal", a ZDP, que é o caminho de

amadurecimento que a criança irá percorrer entre o que ela é capaz de fazer sozinha e o que é capaz de fazer com a ajuda de outra pessoa.

A ZDP pode ser construída através da mediação e interação entre os companheiros mais experientes, os adultos que planejam a rotina da creche, da organização e exploração do ambiente e das brincadeiras infantis. Ao manter relações com outras pessoas, o bebê aprende a solucionar problemas com a ajuda dos adultos, apropria-se de formas culturais de comportamento, desenvolvem a linguagem e dão significados sociais às coisas e aos objetos que compõem o seu ambiente cotidiano.

Vygotsky (1998) trabalha ainda com a ideia de que a intervenção na zona de desenvolvimento proximal das crianças se dá de forma constante e deliberada, e a brincadeira, nesse contexto, irá exercer um papel fundamental no desenvolvimento da criança pequena no que tange aos aspectos sociais, afetivos e cognitivos, pois seu crescimento está intimamente ligado à qualidade das experiências lúdicas que esta vivencia e que lhe são proporcionados.

Teóricos como Kishimoto (2007), Brougère (1997) dentre outros, caracterizam a brincadeira tanto como uma atividade ou ação própria da criança, voluntária, espontânea, delimitada no tempo e no espaço, prazerosa, constituída por reforçadores positivos intrínsecos, com um fim em si mesma e tendo uma relação íntima com a criança. Contudo, podemos dizer que, as crianças e bebês aprendem muito na creche, nas situações de brincadeiras, de interação uns com os outros, nos conflitos, e que estão aptas a desenvolver capacidades com a mediação dos parceiros e seus educadores. Os bebês aprendem ainda, nas situações do banho, da troca de fraldas, nos momentos de alimentação e mesmo na observação da dinâmica da creche e nas relações de afeto que são estabelecidas pelos sujeitos que compõe este ambiente.

De tal modo, um espaço de creche que também possibilite às crianças pequenas, e mesmo aos bebês, o contato, desde cedo, à materiais e brinquedos não estruturados e/ou naturais, provoca desafios cognitivos, sociais e emocionais nestes sujeitos de modo a promover o desenvolvimento pleno das suas potencialidades. A pesquisa, seu local de investigação e sujeitos

Para a realização desta pesquisa optou-se pela metodologia através de Estudo de Caso, com a intencionalidade de investigar o seguinte problema: quais as reações dos bebês na manipulação dos brinquedos não estruturados e naturais oferecidos no cotidiano de uma creche privada, que tem como foco de proposta pedagógica o trabalho ao ar livre?

Como objetivo geral buscou-se analisar as reações dos bebês em situações de brincadeiras não estruturadas no cotidiano de uma creche privada.

Os sujeitos desta pesquisa foram duas professoras e uma turma de berçário (4 bebês de 4 meses a 1 ano) e Grupo 01 (7 bebês de 1 a 2 anos). Também foram escolhidos, duas mães e um pai das crianças da turma, a fim de saber as razões dos mesmos na escolha pela creche. Como técnicas de

coleta de dados, optou-se pela entrevista semi estruturada, observação e análise documental. A entrevista foi realizada com as professoras A. e T., e com os pais dos bebês. A observação ocorreu no período aproximado de cinco meses (janeiro a maio de 2016) na turma de berçário e Grupo 01, em turnos alternados. Para análise documental, utilizamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, a proposta pedagógica e cadernos de planejamento das professoras.

O locus escolhido para esta pesquisa foi uma creche privada, no município de Feira de Santana-Ba. A creche foi escolhida por se tratar de uma chácara, com 2.000m² de ampla área verde, muitas árvores frutíferas, gramado e campo de terra e ter como essência de trabalho pedagógico a "Pedagogia ao ar livre" (CARRUTHERS, 2010). Atende a um público de perfil sócio econômico relativamente alto (classe média e média alta), sendo este também outro fator de decisão para o locus escolhido. Em sua maioria, as crianças moram em condomínios fechados, de alto padrão, com excelentes estruturas físicas (playground, piscina, brinquedoteca, praças recreativas), entretanto, em entrevista aos pais acerca da escolha da creche, obtivemos as seguintes respostas: Eu queria um lugar onde ele pudesse brincar de terra, subir em árvores, se sentir livre (J., mãe de J.A, 1 ano de 8 meses) Eu escolhi esta creche pelas referencias que tive sobre o trabalho com os bebês. Aqui eles brincam no chão, cuidam de bichinhos, experimentam frutas que caem dos pés das árvores (S., mãe de H., oito meses) Eu brinquei muito de terra e queria um lugar onde minha filha pudesse brincar também, porque moro num lugar em que ela não tem acesso a nada disso, ela não sabia o que era ficar descalça. (T., pai de B., 1 ano e 7 meses)

Além de possuir um espaço interno que acomoda confortavelmente os bebês e crianças pequenas (sala amplas e climatizadas, moveis emborrachados e tatames que asseguram a segurança de locomoção das crianças), a creche conta com uma área externa ampla e natural, fugindo dos "padrões" atuais de "espaço planejado", espaços estes geralmente artificiais.

A creche tem como proposta pedagógica a "Pedagogia ao ar livre". De acordo com a análise do PPP, a "Pedagogia do ar livre" é o novo termo conceitual europeu (CARRUTHERS, 2010), para definir a concepção de uma Educação Infantil voltada para a Natureza. Entretanto, esta não é uma concepção tão nova assim. Desde o século XIX, com a Pedagogia de Froebel (1782-1852), grande pedagogo alemão e fundador do primeiro "jardim de infância", como eram chamadas as escolas de Educação Infantil por ele, levar as crianças a terem contato com a natureza fazia parte da metodologia e proposta curricular.

A "Pedagogia do ar livre" (CARRUTHERS, 2010) considera que as crianças precisam ter a experiência ao ar livre, pelas seguintes razões: crianças são seres naturais, nascem com o desejo de estar ao ar livre; a importância de usar todos os sentidos (ambientes externos estimulam todos os sentidos); o fortalecimento da saúde, tanto física quanto mental, das crianças e da equipe (menos estressante, menos barulhento); ampliação das habilidades motoras e autoestima; todos

os dias as crianças se deparam com novos desafios. (PPP, 2016, p.60) Sendo uma chácara, a creche possui um espaço privilegiado, com uma extensa área em que as crianças exploram diariamente os recursos naturais. Brincam nas árvores, correm atrás de coelhos, galo e galinha, sentam embaixo de pés de árvores, colhem e experimentam seus frutos (cajá, jambo, acerola, manga, seriguela etc.), brincam com pedras, terra, gravetos e sementes. Também é comum observarem pássaros e micos que vivem nas árvores.

Cena 1: Bebês observando os micos Estavam embaixo do pé de cajá, quando um mico passou por cima da fiação da casa, e pulou para a árvore. As professoras chamam a atenção dos bebês para que eles olhem pra cima. L. levanta e começa a pular, querendo pegar o bichinho. Os outros não desviam o olhar do mico, que salta rapidamente para outra árvore. Cenas assim são comuns no dia-a-dia dos bebês, e as professoras relatam que elas sempre estimulam as crianças a observarem, cuidarem e valorizarem os animais e plantas a que elas têm contato. Sobre os brinquedos e brincadeiras não estruturadas: como agem os bebês Nas observações realizadas foi perceptível a variedade de brinquedos e de brincadeiras com materiais naturais e não estruturados proporcionados pela creche aos bebês. Pelo menos duas vezes por semana, consta no planejamento das professoras, brincadeiras com objetos e recursos não estruturados.

Vale ressaltar que a sala da turma de berçário e Grupo 01 é rica em brinquedos industrializados (móveis, chocalhos, brinquedos educativos, brinquedos musicais, bonecas, ursos etc.), além de contar com uma estrutura ampla, com piscina de bolinhas, e móveis emborrachados (escadas, rampas, puffs) que servem para atividades psicomotoras (subir, descer, escorregar etc.). Entretanto, como parte da proposta pedagógica e da concepção acerca do brincar da instituição, as brincadeiras e brinquedos não estruturados fazem parte do cotidiano, porque, de acordo com a professora A. "São estimulantes e proporcionam desafios cognitivos e motores às crianças".

Brinquedo 1: A gaiolinha de bolas

O brinquedo proposto pela professora foi uma gaiola pequena feita de madeira (para transporte de passarinhos) com bolinhas de isopor dentro. O objetivo era que os bebês descobrissem como abrir a gaiola para "libertar" as bolinhas. Todos exploraram o novo objeto com muita curiosidade, virando a gaiola e observando todos os lados, colocando o dedo entre as grades, tentando pegar as bolinhas, segurando pela alça etc. Quando a professora mostrou como abrir a gaiola, os bebês de 1 ano e meio conseguiram repetir a ação. Os bebês abaixo de 1 ano, não conseguiram, mas continuaram curiosos e interessados no novo "brinquedo".

Observou-se que através da exploração deste brinquedo, que a creche intitula de "brinquedo inventado", os bebês têm a possibilidade de ampliação da sua motricidade fina (tentar pegar a bolinha com os dedos entre as grades), bem como o desenvolvimento da interação, cognição (aprender como abrir) e emoção. As surpresas causadas ao verem as bolinhas saírem da gaiola e as tentativas diversas para colocá-las novamente para dentro, causaram sentimentos de euforia,

excitação e curiosidade que aguçam a inteligência dos bebês. Brinquedo 2: Encaixe das rolhas. Através de uma caixa de papelão forrada com emborrachado E.V.A com aberturas específicas das espessuras das rolhas (rolhas de madeira, para fechar garrafas) na tampa, a professora propôs que os bebês tentassem encaixar as rolhas. Os bebês mais novinhos (8,9 meses) se deteram a brincar com as rolhas (tentando levá-las à boca, sendo impedidos pela professora), enquanto os maiores conseguiram realizar os encaixes. Quando sentiam dificuldade no encaixe, forçavam o buraco na caixa para colocar a rolha. A professora intervia mostrando que haviam outras opções e tamanhos. Essa atividade conseguiu manter os bebês concentrados por mais de meia hora. As rolhas, feitas de madeira bastante leve, por si só já provocaram interesse nos bebês. Muitos nunca haviam visto e/ou explorado tal objeto. A grande quantidade deles à disposição dos bebês provocou, primeiramente, curiosidade. Os bebês, diferente de adultos, não têm receio de explorar as coisas ao seu redor. Eles pegam, giram, sacodem, colocam na boca. Assim descobrem o mundo e se desenvolvem. Após a exploração inicial, a professora mostrou a caixa com as aberturas e mostrou como encaixar as rolhas. De tal modo, realizando a atividade com dois bebês por vez, a professora foi ensinando como encaixar visto que algumas rolhas tinham a espessura maior e não cabiam em determinados orifícios. Os bebês acima de um ano conseguiram compreender a ação da professora e, imitando-a, foram encaixando as rolhas. Quando não conseguiam, tentavam em outra abertura.

Nesta observação (a atividade foi repetida em dois dias), percebemos que alguns bebês conseguiam ficar concentrados por um tempo considerável (em média meia hora), o que leva a crer que o interesse e os graus de desafios nesta atividade provocaram aprendizagens significativas. De acordo com Brasil (2012, p.63), "o bebê é um ser vulnerável que precisa de muito carinho, atenção e acolhimento, mas sabe tomar decisões, escolhe o que quer, gosta de explorar novas situações, é criativo e muito curioso". A manipulação das rolhas é um exemplo de que os bebês decidem quanto tempo e se querem ou não brincar com determinado objeto.

Brinquedo 3: Caixa de bolinhas. Este brinquedo foi exclusivo para os bebês menores. Uma caixa de embalagem de doces finos, com divisórias em colunas, e bolinhas de ping pong coloridas. A tampa transparente de plástico favorecia a visualização das bolinhas, que corriam para cima e para baixo, com o movimento da caixa. Ao entregar o novo "brinquedo" aos bebês, a professora mostrou como as bolinhas se movimentavam, e os bebês logo exploraram o objeto com bastante interesse e curiosidade.

A reação mais interessante observada com este brinquedo, foi quando um bebê, de 7 meses, ansioso por tentar pegar as bolinhas, começa a chorar, praticamente implorando à professora para que lhe entregue as bolas. Com a tampa transparente e as bolinhas correndo dentro da caixa, os bebês são estimulados a distinguir as cores (ainda que não tenham a capacidade para nomeá-las), além de descobrirem os movimentos adequados para que as bolas se mexam. A psicomotricidade

é desenvolvida, além da ampliação da habilidade visomotora.

Brinquedo 4: Chocalho com garrafas plásticas recicladas e sementes de palmeira

Numa roda embaixo da árvore, a professora mostrou aos bebês as sementes que ela recolheu de uma planta. Chamando um de cada vez, ela colocou algumas sementes nas mãos deles e pediu que colocassem dentro da garrafa, através de um funil. Vedou cada garrafa e entregou as crianças, que ficaram por muito tempo brincando com os chocalhos. Além de proporcionar a experiência em usar um funil para colocar sementes dentro da garrafa (experiência pouco utilizada com bebês), a professora incentiva os bebês a perceberem as sutilezas das plantas ao seu redor, mostrando aos mesmos, que aquelas sementes se transformam em som, ao virarem parte do chocalho. A professora T. aponta para a planta (uma palmeira), pega o cacho em que estão as sementes, mostra às crianças e começa a retirar as sementes (ela tem o cuidado de não entregar aos bebês para que os mesmos não engulam). Depois, um a um, ela coloca as sementes nas mãos deles e pede que joguem no funil. Após o chocalho ficar pronto, os bebês brincam livremente com os mesmos, demonstrando bastante alegria.

Brinquedo 5: Baú de "treco e trambolhos" Numa caixa grande de papelão, a professora colocou diversos utensílios e objetos reciclados e naturais para os bebês explorarem: esponja natural, novelo de lã, escovas grandes, borracha de panela de pressão, conchas de plástico, gravetos, folhas, garrafas plásticas etc. A medida que exploravam, os bebês descobriam novas utilidades para os objetos. Uma menina pegou o graveto e ficou batendo numa tampa de alumínio, descobrindo o som que produzia. Outro bebê se concentrou mais tempo na garrafa pet, tentando encaixar a tampa. Outro gostou do novelo de lã. Assim, foi notório observar o prazer, fascínio e curiosidade que tais objetos provocaram nos bebês. Segundo Kishimoto (2012, p.70) a variedade de texturas e características dos objetos possibilita "a exploração livre do bebê oferecendo, pela sensorialidade, oportunidades de novos conhecimentos". Nota-se, desta maneira, que ao oferecerem experiências sensoriais diversificadas, as professoras desta turma oportunizam também o desenvolvimento intelectual dos bebês.

Nos passeios diários dos bebês pela creche, eles sentam na terra, embaixo de árvores, e brincam com pedras e gravetos. Logo aprendem que os coelhos gostam de folhas e catam as mesmas para oferecer aos animais. Se agacham para passar por baixo de galhos, se esticam para puxar folhas, pegam frutas e comem, brincam com as sementes caídas. Quando estão nas áreas internas, objetos como colheres de pau, escovas, espanadores, funil, plásticos, meias, coadores, peneiras e outros tantos utensílios domésticos lhes são oferecidos como possibilidade do brincar. Enfim, se desenvolvem em meio a um ambiente rico em desafios motores, cheiros e sensações.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES Este trabalho não tem a pretensão de apontar um "modelo ideal" de lugar e espaço para bebês, mas tenta mostrar que ambientes não estruturados e naturais provocam muitas aprendizagens.

A pesquisa analisou as reações de bebês diante de brinquedos não estruturados e naturais que lhe são oferecidos, mesmo diante de outras inúmeras possibilidades do brincar (os brinquedos industrializados também estão à sua disposição). Entretanto a valorização do brincar ao ar livre, e dos brinquedos (objetos) simples oferecidos, chamou a atenção para realização deste trabalho. Diante uma sociedade (e uma clientela) altamente capitalista, consumista e “projetista”, a creche pesquisada busca, em meio à simplicidade, desenvolver todas as capacidades e habilidades de seus bebês com recursos naturais e do cotidiano. Assim, o resultado alcançado nesta investigação pretende aguçar os debates em Educação Infantil, e em especial, no trabalho com os bebês, provocando um avanço nesta área, ainda tão pouco explorada.

•

BERÇÁRIO E CRECHE ESCOLA CATAVENTO. **Projeto Político Pedagógico**. 2016. _____.
Proposta Pedagógica. 2016. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, vol.1, 2 e 3 - Brasília, 1998. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras nas creches**: manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC/SEB, 2012. BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997. CARRUTHERS, Elizabeth. As experiências das crianças ao ar livre: um sentimento de aventura?
In: MOYLES, Janet e cols. **Fundamentos da Educação Infantil**: enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010. HORN, Maria das Graças Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços físicos na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004. VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

*Raphaela Dany Freitas Silveira Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia Professora da Educação Básica pela Prefeitura Municipal de Feira de Santana Mestre em Educação-UEFS Pedagoga-UEFS raphaelafreitas23@gmail.com

Recebido em: 04/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: